OS MONGES BENEDITINOS NO CEARÁ

(CONTINUAÇÃO)

Dom Joaquim G. de Luna, O. B. S.

I

(CONTINUAÇÃO)

DOM GERARDO VAN CALOEN, O. S. B.

BISPO TITULAR DA FOCÉIA, ARQUIABADE DA CONGREGAÇÃO BENEDITINA BRASILEIRA E ABADE NULLIUUS DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DO RIO DE JANEIRO.

Nasceu êsse Exmo. Prelado em Bruges (Bélgica), a 12 de março de 1853, sendo batizado nesse mesmo dia com o nome de José, pelo seu tio paterno, o Rev. Pe. Luís van Caloen, S.J..

Descendente de família da antiga nobreza, foram seus pais o Barão Carlos van Caloen, senador por Bruges durante cêrca de trinta anos, e a Condessa Savina Gourcy-Serainchamps, ambos cristãos fervorosos de comunhão frequente.

O pequeno José recebeu esmerada educação de acôrdo com a posição social dos pais e seus sentimentos religiosos. Aos sete anos de idade fez a primeira confissão, mas só aos onze, conforme o costume do tempo, recebeu a primeira comunhão. Nesse mesmo ano (1864) recebeu também o sacramento da crisma. Durante os estudos de humanidade sentiu-se chamado por Deus para a vida religiosa beneditina, recebendo do pai a licença de seguir a sua vocação, mas só depois de terminados os estudos.

Em setembro de 1871 fez com aplausos o último exame. Lembrou então ao pai a referida licença e pediu para fazer, antes de entrar em religião, uma viagem a Jerusalém e a Roma e visitar alguns mosteiros beneditinos a fim de escolher o que mais lhe conviesse.

Partiu no ano seguinte (1872) para a Terra Santa, visitou os santos lugares e na volta esteve em Roma, onde foi recebido em audiência particular pelo Santo Padre o Papa Pio IX, ao qual comunicou o intento de se fazer monge beneditino, recebendo, com a bênção do Pontífice a sua aprovação. Devia, agora, procurar o mosteiro em que ia consagrar-se a Deus como filho de São Bento.

Depois de ter visitado várias abadias, decidiu-se pela de Beuron, na Alemanha, restaurada havia poucos anos e sob o govêrno do abade Dom Mauro Wolter.

De volta a Bruges despediu-se da família e amigos e ingressou no mosteiro a 11 de novembro de 1872. A 21 de maio do ano seguinte foi admitido ao noviciado, recebendo como santo protetor a São Gerardo de Brogne (959), grande abade fundador de diversos mosteiros e restaurador da disciplina monástica em vários outros da Flandres. A 25 de maio de 1874 emitiu os votos de religião para o mosteiro de Maredsous, que acabava de ser fundado na Bélgica pela abadia de Beuron. (1)

Ordenado sacerdote a 23 de dezembro de 1876, Dom Gerardo cantou a primeira missa, na noite de Natal, em Maredsous e pouco depois foi nomeado prior e mestre de noviços. Em 1877 acompanhou, como secretário, o abade Dom Mauro Wolter em viagem a Roma e a 25 de maio fêz, na abadia de Monte Cassino, os votos solenes. Voltando um ano depois (1878) a Maredsous, dedicou-se ao apostolado da pena. Publicou o Missal Cotidiano dos Fiéis (latim-francês) que foi, aliás, o primeiro a ser editado com o vernáculo ao lado do texto latino. Foi êsse missal, pode-se dizer, o precursor do movimento litúrgico na Bélgica.

Preocupado com a idéia de levar os fiéis à compreensão da Santa Missa e a tomarem parte ativa nesse augusto sacrifício, Dom Gerardo van Caloen fundou, em 1884, a revista Messager des Fidèles, mais tarde Revue Bénédictine, que foi veículo de propaganda dêsse apostolado. Assim pode-se atribuir a Dom Gerardo a iniciativa das missas dialogadas ou participação ativa dos fiéis nas missas rezadas.

Por êsse tempo publicou também Carnet d'un Moine, coleção de reflexões e pensamentos íntimos que refletem a vida do monge que vive para Deus em silêncio e oração. Livrinho que, em pouco tempo, chegou a uma tiragem de 50 mil exemplares.

Tendo, em 1889, visitado, na Espanha, os túmulos de São Tiago, em Compostella, e de Sta. Teresa, em Alba, e bem assim o Escurial, perto de Madrid, de volta escreveu o livro intitulado "Au delà des monts" em que narra as suas impressões sôbre êsses lugares memoráveis na história da Igreja.

Encarregado por seu abade, em 1881, de abrir um colégio na Abadia, Dom Gerardo foi à Inglaterra e visitou vários institutos educacionais, impressionando-lhe agradàvelmente o método inglês de educar, a importância que alí se dá à honra e à iniciativa pessoal dos alunos. Inaugurado o Colégio em 1882, foi Dom Gerardo o seu reitor durante quatro anos, tendo porém que deixar o cargo por motivo de saúde.

Deixando a direção do Colégio em 1886, os superiores o mandaram a Roma, a fim de tratar da saúde em clima mais ameno. Lá teve ocasião de entrar em con-

(1) Os votos simples das Ordens religiosas, feitos após o noviciado, eram, antes da codificação do Direito Canônico, perpétuos e, na Ordem Beneditina realizados com as solenidades adotados hoje na profissão solene.

tacto com o mundo eclesiástico romano e cooperar na abertura do Colégio Anselmiano. Sentindo-se melhor, trabalhou como secretário junto a dois cardeais beneditinos, pela manhã com o Cardeal Dusmet, encarregado por Leão XIII da restauração do Colégio de Santo Anselmo, e, à tarde, com o Cardeal Schiaffino, que organizava uma exposição no Vaticano em comemoração ao jubileu episcopal do Santo Padre.

Essa dupla função de Secretário o pôs em contacto com o Sacro Colégio, as Congregações romanas e mesmo com o Papa, o que foi de grande alcance para a sua futura missão no Brasil.

Foi por êsse tempo nomeado Procurador Geral, em Roma, da Congregação de Beuron, prefeito dos clérigos e professor de Liturgia no Santo Anselmo, que funcionava, então, na via Bocca di Leone. Êsses afazeres não o impediram de dedicar-se também à obra de união da Igreja Oriental à de Roma. Foi Dom Gerardo um dos membros do "Comité" encarregado dessa obra tão cara ao Papa Leão XIII.

Indo a Maredsous, em 1888, a fim de preparar a festa da consagração da igreja abacial, Dom Abade Plácido Wolter o encarregou da abertura de uma Pedagogia universitária em Lovaina, para os antigos alunos do Colégio de Maredsous.

Essa incumbência veio reforçar-lhe a esperança da fundação de um mosteiro nessa cidade, idéia acariciada desde que se fizera monge. Instalada a residência universitária, Dom Gerardo percorre a cidade com o intuito de achar um sítio apropriado para a fundação que tinha em mente. Achou-o logo. A colina de Mont-César, dominando a cidade, e com um planalto de alguns hectares, pareceu-lhe o lugar predestinado para o mosteiro, objeto da sua aspiração.

Escreveu, então, aos Superiores expondo o que pensava a êste respeito, com o plano da fundação, as suas vantagens, etc. Aprovados a idéia e o plano delineado por Dom Gerardo, foi êle incumbido de dar os primeiros passos para a realização da obra. Tratou logo da aquisição do terreno e tomou outras medidas. Mas por motivo de saúde, foi obrigado a interromper a sua atividade e a voltar a Maredsous. Mandado de novo a Roma, reassumiu o cargo de Procurador da Congregação de Beuron, junto à Santa Sé.

Movido por zêlo apostólico, Dom Gerardo alimentava também a idéia da fundação de um mosteiro destinado à formação de monges missionários. Expondo aos superiores, a propósito, o seu modo de ver achava que essa fundação devia ser feita na Bélgica, donde seriam os monges mandados para o país ou região que a Santa Sé designasse. Idéia esta que êle, mais tarde, chegou a realizar, com a fundação do mosteiro de Santo André, na diocese de Bruges.

*
* *

Estava assim Dom Gerardo van Caloen preocupado com a formação de monges missionários, quando chegou a Roma, endereçado pelo Abade Geral do Brasil, Dom Domingos da Transfiguração Machado, o apêlo dos padres capitulares da Congregação Beneditina Brasileira pedindo ao Santo Padre Leão XIII mandasse monges beneditinos da Europa para restaurarem a vida monástica nos mosteiros do Brasil.

O Papa confiou essa missão à Congregação de Beuron e os Superiores, após maduro exame e a troca de cartas entre o Arquiabade de Beuron, Dom Plácido

Wolter, e o Abade Geral do Brasil, Dom Domingos da Transfiguração Machado, acharam viável a obra e pensaram logo em Dom Gerardo van Caloen como o monge predestinado a realizá-la, dado o seu zêlo apostólico e o grande amor à Ordem, a sua energia e senso organizador.

Leão XIII não só aprovou a indicação do nome de Dom Gerardo como o mandou ao Brasil em 1894 a fim de estudar a situação dos mosteiros brasileiros e entender-se pessoalmente com o Abade Geral a respeito da restauração da Congregação. De volta à Europa, apresentou à Santa Sé um relatório acêrca dessa visita, e expôs aos Superiores da Congregação de Beuron, reunidos em Capítulo Geral, o estado em que encontrara os mosteiros do Brasil, sugerindo as medidas que julgava necessárias para a sua restauração. Para maior esclarecimento, houve ainda troca de várias cartas entre o Arquiabade de Beuron e o Abade Geral do Brasil. Finalmente em fins de julho de 1895, com a bênção do Santo Padre Leão XIII, que tomou grande interêsse pelo bom êxito dessa obra, Dom Gerardo van Caloen partiu da Europa para o Brasil, chefiando um grupo de monges e desembarcou no pôrto do Recife a 17 de agôsto seguinte.

Instalados no mosteiro de Olinda, foi, logo no dia seguinte, reintroduzida a observância monástica nesse velho mosteiro, o primeiro a ser restaurado. (2) Para facilitar a obra da restauração e evitar dificuldades que eventualmente pudessem surgir com o Govêrno, Dom Gerardo naturalizou-se brasileiro e incorporou-se à Congregação Beneditina Brasileira e fêz que os noviços europeus recebessem também, após a profissão, a cidadania brasileira. No Capítulo de 1896 foi Dom Gerardo eleito Abade trienal do mosteiro e Vigário Geral de Dom Domingos da Transfiguração Machado. (3) Reeleito no Capítulo de 1899, o Papa Leão XIII concedeu-lhe perpetuidade no cargo e o direito de sucessão ao Abade Geral.

A fim de repovoar os onze mosteiros do Brasil, Dom Gerardo fundiu, em 1899, uma Procuradoria Brasileira na diocese de Bruges, na Bélgica, para receber vocações da Europa, tendo já em 1896 aberto no mosteiro de Olinda uma Escola Claustral para formação de vocações brasileiras. A Procuradoria da Bélgica desenvolveu-se e tornou-se a atual e florescente Abadia de Santo André, a qual prestou relevantes serviços à Congregação Brasileira na obra da sua restauração.

Tendo a febre amarela irrompido no Recife e em Olinda por duas vêzes (1897 e 1899), no curto espaço de três anos, atacando gravemente quase todos os membros da comunidade olindense e vitimado quatro dos monges, entre os quais o padre prior da Abadia, Dom Foilano Lhermitte, monge ainda moço e dotado de belos predicados intelectuais, Dom Gerardo ficou por isso alarmado, receoso de novo assalto do mal, que seria de graves consequências para a obra da Restauração. Pensou, então, na fundação de um mosteiro em região salubre e de clima ameno, destinado para casa de estudo dos clérigos e funcionando como uma espécie de sanatório para os monges enfraquecidos por enfermidades ou pela canseira da

(2) O antigo abade Dom José de Santa Júlia Botelho, único monge então do mosteiro, resignou voluntàriamente o cargo, retirando-se para o mosteiro da Paraíba, afim de que os monges europeus tivessem plena liberdade de ação.

(3) Os abades, conforme as antigas Constituições da Congregação Beneditina Brasileira, eram eleitos só por três anos.

labuta diária. No entanto, urgia a transferência de parte da comunidade, sobretudo dos serviços e clérigos, para lugar saudável.

A fama da salubridade do clima do Ceará atraiu a atenção de Dom Gerardo. Em agôsto daquele ano (1899), viajou para lá a fim de escolher lugar apropriado para a transferência do noviciado e clericado e a fundação do mosteiro que tinha em vista. Ao regressar a Olinda mandou os clérigos e noviços, sob a chefia do Mestre e Superior da jovem comunidade, Dom Majolo de Caigny e mais outro Padre e um Irmão Converso, para Guaramiranga, na serra de Baturité, residência provisória, até serem transferidos para a serra do Estêvão, onde havia determinado que se construisse o mosteiro.

Além dos clérigos e noviços mandados para o Ceará, Dom Gerardo enviou no ano seguinte alguns padres e irmãos conversos para o mosteiro da Bahia, conforme o desejo do Revmo. Abade Geral, Dom Domingos, e chamou um grupo de postulantes da Procuradoria de Santo André para essa abadia, reabrindo aí o noviciado no começo do ano de 1900. Era a segunda das antigas abadias em que se reintroduzia a vida regular monástica com a reabertura do noviciado e a recitação diária do ofício divino no côro, missa conventual e vésperas cantadas aos domingos e festas. A 21 de março dêsse ano (1900) o Revmo. Dom Domingos da Transfiguração Machado e Dom Gerardo van Caloen receberam a bênção abacial solene das mãos do Arcebispo Primaz, Dom Jerônimo Tomé da Silva, por tê-los o Santo Padre, o Papa Leão XIII, confirmado no cargo de abade ad vitam. A cerimônia realizou-se na igreja abacial da Bahia.

Enfermando gravemente o velho abade do mosteiro de São Paulo, Dom Pedro da Ascenção Moreira, único religioso da Abadia, Dom Gerardo designou Dom Miguel Kruse para assistir ao enfêrmo e, após a sua morte, que se deu a 15 de julho de 1900, assumiu o govêrno do mosteiro em nome do Abade Geral. Em setembro seguinte, Dom Gerardo, à frente de um grupo de monges, chegava a São Paulo e, a 23 do dito mês, inaugurava a reintrodução da observância monástica nessa abadia. Era a terceira que recebia os benefícios da Restauração.

*
* *

Das quatro grandes abadias da Congregação faltava ser restaurada só a do Rio de Janeiro, quiçá a mais importante pela sua atuação no passado e por estar situada na Capital do país. No entanto o antigo abade, Dom João das Mercês Ramos, apesar de ser o único monge do mosteiro, opunha-se tenazmente, mal aconselhado, a tôda espécie de restauração da vida regular na Abadia. Para obviar êsse obstáculo, o Revmo. Abade Geral, Dom Domingos, obteve da Santa Sé, em 1902, a sua nomeação de abade do mosteiro do Rio de Janeiro e convocou o Capítulo Geral para o começo de maio do ano seguinte, a realizar-se na abadia carioca.

Os padres capitulares, ao desembarcar no pôrto do Rio, nos primeiros dias de maio de 1903, souberam que havia algo de normal na cidade, que havia grande animosidade contra êles, movida por órgãos da imprensa e comícios populares. Receberam ao mesmo tempo um amável convite do Senhor Arcebispo, Dom Joaquim Arcoverde, mais tarde Cardeal, para se hospedarem no seu palácio, visto que o

abade de São Bento recusava terminantemente receber os monges europeus no mosteiro.

O Abade Geral, Dom Domingos, em defesa do seu legítimo direito, recorreu à Justiça federal, que lhe concedeu mandado de posse da Abadia. No dia 12 do mesmo mês, Dom Gerardo van Caloen e os outros padres capitulares, protegidos por fôrças da polícia, deixaram o palácio do Senhor Arcebispo e foram para o mosteiro, onde já se achava o Abade Geral, a fim de prepararem a abertura do Capítulo. Entretanto, houve nesse dia grande agitação na cidade. Pessoas ligadas ao velho abade haviam excitado o povo com artigos violentíssimos e caluniosos nos jornais. À tardinha, após um comício em que falaram vários oradores incitando o povo com discursos inflamados a se dirigir a São Bento e expulsar os frades estrangeiros, uma multidão imensa sobe o morro aos gritos de "morram os frades". As fôrças da polícia que guardavam o mosteiro foram impotentes para a deter. A massa popular escala os muros e pelas janelas penetra na abadia. Com vozeria ensurdecedora e disparos de revólveres procuram por todos os recantos da Casa os monges europeus, aos gritos de "morram os frades estrangeiros". Êles, estando escondidos, foram salvos por um empregado fiel que, conhecedor de tôdas as saídas do mosteiro e servindo-se ao mesmo tempo da escuridão, pois já era noite, os conduziu a lugar seguro donde podiam chegar ao palácio do Senhor Arcebispo no morro da Conceição, o qual os recebeu com perigo da sua própria pessoa. (4)

O Govêrno, sendo inteirado do que se passava, mandou sem perda de tempo evacuar, por fôrças do Exército, o mosteiro e reconduzir naquela mesma noite os padres capitulares ao vetusto cenóbio, dando-lhes completa garantia. O mosteiro e todo o monte em que se acha situado foram ocupados por fôrças do Exército, transformando-se numa espécie de praça de guerra.

O velho abade, que ocasionara tôda essa agitação, insurgindo-se contra seu legítimo superior, retirou-se no dia seguinte para a residência de pessoas da sua família, nos subúrbios da cidade, e os padres capitulares, sob a presidência do Abade Geral, Dom Domingos, e protegidos pelas fôrças do Exército, puderam abrir o Capítulo Geral em que, entre outras várias medidas em prol da Congregação, foi resolvida a restauração da observância monástica na Abadia. (5)

Com a vinda de alguns monges e postulantes, chamados de outros mosteiros foi, a 24 de junho, festa de São João Batista, inaugurada a restauração dêsse cenóbio, com missa conventual e vésperas cantadas, e, a 11 de julho seguinte, foi reaberto o Noviciado, com a admissão de quatro noviços do côro.

Estando em pleno funcionamento a vida regular no Mosteiro, o Revmo. Abade Geral, Dom Domingos, passou o govêrno da Abadia a Dom Gerardo, seu Vigário-Geral, e voltou, em outubro do mesmo ano, (1903) para a Bahia. Dom van Caloen ficou com o govêrno das abadias de Olinda, São Paulo e Rio de Janeiro e bem assim das fundações de Santo André, na Bélgica, e de Santa Cruz, no Ceará. Devia,

(4) Êsse servo fiel, que salvou os padres, chamava-se Bonifácio dos Santos e serviu ao Mosteiro durante mais de sessenta anos, com uma dedicação e amor como se fôra filho do Ceará.

(5) Os padres capitulares europeus eram o Revmo. Dom Gerardo van Caloen, abade de Olinda, Dom Majolo de Caigny, Dom Ulrico Sonntag e Dom Vanderlio.

além disso, repovoar as outras casas que ainda não tinham recebido, os benefícios da Restauração. Em 1905 a Santa Sé transferiu Dom Gerardo de Olinda para abade ordinário da abadia do Rio, ficando ao mesmo tempo administrador dos outros mosteiros, com exceção do da Bahia.

Uma das grandes dificuldades na obra da Restauração era a falta de pessoal. As comunidades, nas abadias já restauradas, eram pequenas e compostas, na grande maioria, de clérigos e noviços. Dom Gerardo devia, com êsses poucos elementos, povoar os vários mosteiros, fazendo o jôgo da mudança de religiosos de uma Casa para outra, conforme as circunstâncias o exigiam. A fim de obter vocações brasileiras, êle, em 1898, logo no início da Restauração, estabeleceu uma Escola Claustral no mosteiro de Olinda e, em 1901, outra na Bahia, e, para vocações européias, como já ficou dito, a Procuradoria da Bélgica, em 1899. Urgia porém aumentar o número de monges já formados, de monges sacerdotes e irmãos conversos. Assim, em sua repetidas viagens à Europa, em prol da Restauração, recorria aos abades da Congregação de Beuron, pedindo sacerdotes e mais sacerdotes e irmãos leigos, encontrando neles sempre boa vontade em ajudá-lo. Mas o número dos monges enviados não correspondia às necessidades da grande obra de que fôra incumbido. No entanto, é de justiça confesssar que foram sobremaneira relevantes os serviços prestados pela Congregação de Beuron à Restauração. Foi com padres e irmãos conversos dessa Congregação que Dom Gerardo iniciou essa obra e foi com a cooperação de outros, que vieram nos anos posteriores, que êle a pôde realizar e desenvolver.

No intúito de obter maior número de vocações, Dom van Caloen estabeleceu, em 1906, uma Procuradoria em Acqua Calda, perto de Siena, em pequeno mosteiro da Congregação Cassinense, cedido temporàriamente, e, em 1909, outra, em Wessobrunn, na alta Baviera, a qual se manteve até 1914.

*
* *

Tendo alguns dos Senhores Bispos pedido a Dom Gerardo a cooperação dos beneditinos na evangelização dos índios, ainda existentes em suas Dioceses, veio êsse pedido ao encontro do seu zêlo apostólico e espírito missionário. Falando a êste respeito com o Senhor Cardeal Arcebispo, Dom Joaquim Arcoverde, êste o aconselhou a não aceitar Missão alguma a não ser em território independente da jurisdição diocesana. Entrementes o Senhor Bispo do Amazonas, Dom José Lourenço da Costa Aguiar, ofereceu-lhe o vasto território da bacia do Rio Branco, ao extremo norte da sua Diocese. Dom Gerardo consultou o Senhor Núncio Apostólico, Mons. Júlio Tonti, que achou excelente a idéia, mas como Dom van Caloen estivesse de viagem marcada para a Europa, entendeu melhor que êle tratasse diretamente com o Santo Padre, o Papa.

Chegando a Roma no segundo semestre de 1925, Dom Gerardo foi recebido pelo Santo Padre em audiência particular. Era a primeira vez que êle via Pio X. Expôs a Sua Santidade o estado da obra da restauração da vida beneditina no Brasil e, em seguida, tratou do pedido do Senhor Dom José Lourenço da Costa Aguiar. Disse que, para facilitar a evangelização dos selvícolas, achava necessário ter plena

jurisdição no território das Missões. Por isso propunha ao Santo Padre elevar o mosteiro do Rio de Janeiro a Abadia Nullius, com jurisdição sôbre o território da bacia do Rio Branco, desmembrando-o da Diocese do Amazonas. A Santo Padre, depois de ouvir com atenção e grande bondade a exposição e a proposta de Dom van Caloen, disse-lhe: "Tudo o que me pede lhe será concedido". Dom Gerardo, animado pela benevolência de Pio X e pelo interêsse que tomou pela sua atuação no Brasil, declarou ser a carência de religiosos o maior obstáculo à expansão da sua obra. Pio X então lhe diz: "Escreverei aos abades da Ordem a fim de que lhe enviem monges" e acrescentou: "Se eu não tivesse o govêrno de tôda a Igreja, partiria convosco para ir converter êsses pobres índios".

A 12 de março do ano seguinte, (1906) Dom Gerardo van Caloen era nomeado Bispo titular de Focéia, e, a 15 de agôsto de 1907, o mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro era elevado à categoria de Abadia Nullius.

A sagração episcopal de Dom Gerardo realizou-se na Abadia de Maredsous, a 18 de abril de 1906. Foi sagrado por Monsenhor Francisco do Rêgo Maia, bispo resignatário da Diocese de Petrópolis e, então, residente em Roma, convidado expressamente por Dom Gerardo, que quis ser sagrado por um bispo brasileiro, visto pertencer ao episcopado do Brasil. Foi esta a mais esplêndida solenidade até então vista na majestosa basílica da Abadia, segundo o testemunho dos monges que a presenciaram.

A festa do Patriarca São Bento (21 de março), em 1908, foi assinalada por um ato de grande importância para a Abadia e de especial regozijo para os monges. O Senhor Núncio Apostólico, Monsenhor Alexandre Bavona, promulgou na igreja abacial, após a missa pontifical, o Decreto consistorial que erigia canônicamente o mosteiro de São Bento em Abadia Nullius, com jurisdição sôbre o território do Rio Branco, e designava Monsenhor van Caloen seu primeiro Abade Nullius.

*
* *

Estando a vida monástica restabelecida em franco progresso nas quatro abadias principais, o Capítulo Geral, realizado na Bahia no comêço de maio de 1907 pediu à Santa Sé, por sugestão de Dom Gerardo van Caloen, nomear abades vitalícios para os mosteiros de Olinda e de São Paulo, e abades coadjutores para o Revmo. Dom Domingos da Transfiguração Machado, abade da Bahia, e para Monsenhor van Caloen, abade do Rio de Janeiro. Aceito êsse pedido, e nomeados os quatro monges indicados pelo Capítulo, receberam êles a bênção abacial na Abadia do Rio de Janeiro, a 24 de novembro seguinte, sendo oficiante Monsenhor van Caloen. Êsse acontecimento, de grande importância para a obra da Restauração, veio desonerar o Senhor Bispo Dom van Caloen dos cuidados da administração de três abadias. No entanto restava-lhe ainda restaurar o mosteiro da cidade da Paraíba (atualmente João Pessoa) e cuidar das de Santo André, na Bélgica, e de Santa Cruz, no Ceará, das quais era abade administrador, e bem assim tratar da evangelização do território do Rio Branco, do qual se tornara Prelado.

Em 1º de julho de 1908, a Congregação cobriu-se de luto com o falecimento do grande e zeloso Abade Geral, Revmo. Dom Domingos da Transfiguração Machado, na idade de 84 anos, com 66 de vida monástica. Foi êle o iniciador incansável da

obra da Restauração, em que teve de vencer mil obstáculos, e, em seguida, o conselheiro e o apôio incondicional do seu Vigário-Geral, Monsenhor van Caloen, na sua árdua tarefa. Sendo Dom Gerardo de direito o seu sucessor, foi confirmado pela Santa Sé, em setembro seguinte, no cargo de chefe da Congregação com o título de Arquiabade.

Um dos grandes cuidados de Monsenhor van Caloen era agora a evangelização do Rio Branco. Antes de enviar os monges missionários, quís conhecer pessoalmente a região. Empreendeu com êste fim uma viagem que, por um incidente inesperado, não chegou a levar a têrmo. Estando já em Manáus, à espera de condução para a vila de Bôa Vista do Alto Rio Branco, o seu companheiro de viagem e secretário adoeceu gravemente, obrigando-o a desistir do resto da viagem e a regressar ao Rio de Janeiro. Só em 1914, cinco anos após a chegada dos monges à Missão, é que êle pôde chegar até lá e ter o prazer de verificar o trabalho que os religiosos, apesar das grandes dificuldades do comêço, já haviam realizado nesse espaço de tempo. Nessa ocasião conferiu o sacramento da Ordem a um monge diácono, que, meses antes, alí havia chegado. Foi acontecimento inédito para o povo da região.

A fim de tratar das novas e definitivas Constituições da Congregação e de outros assuntos importantes junto à Santa Sé, Dom van Caloen convocou um Capítulo Geral, a realizar-se em Roma, no comêço de 1910. Submeteu, nessa ocasião, à apreciação dos padres capitulares um pedido do Rei da Bélgica, feito à Abadia de Santo André, no intúito da fundação de um mosteiro e Missão no Congo Belga, na África. Como nem todos estivessem acordes a êste respeito, Dom Gerardo quis ouvir o Santo Padre. Dias depois, em audiência particular com o Papa, expõe-lhe a questão para saber, a propósito, o seu desejo. Pio X, depois de ouví-lo atentamente, reflete e diz: "Deve aceitar o oferecimento", e lança-lhe a sua bênção. Assim, com a bênção do Vigário de Cristo, teve início essa obra que atualmente compreende um Vicariato Apostólico e vários postos missionários.

Em 1911, Monsenhor van Caloen mandou o padre Prior de seu mosteiro, Dom Gaspar Lefebvre, para o mosteiro da Paraíba, com o encargo de reintroduzir a observância monástica nessa antiga Abadia, a última das cinco mais importantes da Congregação que não fôra ainda restaurada. Nesse mesmo ano pediu à Santa Sé nomear abade para o mosteiro de Santa Cruz, no Ceará, e no ano seguinte (1912) fez igual pedido para o de Santo André na Bélgica, ambos fundados por êle e dos quais era abade administrador. Para abade de Santa Cruz foi nomeado Dom Ruperto Rudolf, monge da abadia, e, para Santo André, o Revmo. Dom Teodoro Nève, que ainda a governa e é atualmente Praeses da Congregação Belga. Estava, assim cumprida a árdua tarefa que o Santo Padre Leão XIII incumbira em 1893 a Monsenhor van Caloen.

*
* *

Estando agora as abadias sob o govêrno dos respectivos abades e com noviciado próprio, pôde Dom van Caloen dedicar-se de modo particular à sua abadia e à Missão do Rio Branco. Quanto à vida interna do Mosteiro, que foi sempre o seu cuidado, tratou de dar maior esplendor aos atos do culto com a ce-

lebração da missa conventual e vésperas cantadas diàriamente e sempre solenes aos domingos e festas; determinou que houvesse para a Comunidade, além de conferências de casuística mensais, também conferências semanais de Escritura Sagrada e de Liturgia; reorganizou os estudos superiores dos clérigos, etc. No que diz respeito às obras externas deu-lhes maior desenvolvimento: além do Externato de São Bento elevado a Ginásio e equiparado ao Ginásio Nacional e da Escola Noturna, gratuita, de São José, fundada por êle, em 1908, abriu, em 1913, a Escola Popular, também gratúita, de curso primário, sendo êsses educandários um vasto campo de atuação externa para os monges. Com relação ao Rio Branco, visitou a Missão pessoalmente em 1914, promovendo-lhe melhoramentos afim de ampliar o trabalho da catequese dos índios. Já antes se havia dirigido à população civilizada por Carta Pastoral, saudando-a e exortando-a ao cumprimento dos seus deveres religiosos.

A par dessas e de muitas outras obras, Monsenhor van Caloen exerceu grande atividade na administração e reconstrução do patrimônio urbano, constituido de prédios antigos, quase todos êles em péssimo estado de conservação, exigindo imediata reconstrução. Tratou de reivindicar terras das antigas fazendas de que pessoas inescrupulosas se haviam indèbitamente apossado; construiu o prédio para o Colégio, que funcionava no recinto do mosteiro, fêz reparar o edifício do mosteiro desde o tecto até o andar térreo, construiu a sala do Capítulo, restaurou a capela abacial e fundou o mosteiro do Alto da Bôa-Vista (Tijuca), fêz melhoramentos no mosteiro e igreja da fazenda de Mussurépe, município de Campos; restaurou a capela e mosteirinho da fazenda de Iguaçu na Baixada Fluminense, que estavam em ruinas; recorreu aos tribunais em prol dos direitos do mosteiro em várias questões, etc.

A situação financeira da Abadia, que já não era boa, veio a se agravar com a guerra mundial de 1914 Com a desvalorização da moeda nacional, ocasionada pela guerra, viu-se o mosteiro em sérias dificuldades ocasionada pela guerra, viu-se o mosteiro em sérias dificuldades em razão de compromissos por empréstimo contraído no exterior para reconstrução do patrimônio. Dificuldades também internas da Congregação vieram amargurar ainda mais o coração de Monsenhor van Caloen e agravar-lhe o estado de saúde.

Desde alguns anos vinha Sua Excelência sofrendo de dilatação do coração e de outros achaques, provenientes da sua grande atividade, cuidados disabores e preocupações desde o início do seu trabalho no Brasil. Assim, mais de uma vez, teve, por prescrição médica, de submeter-se a tratamento nas águas de Nauheim, na Alemanha. No comêço de 1915, em reunião dos chefes da Congregação Brasileira em Roma, Monsenhor van Caloen, depois de apresentar aos abades um relatório acêrca do estado da sua abadia e em geral da Congregação, é recebido em audiência particular por Bento XV, nas mãos do qual depõe o pedido de renúncia de Abade do Rio de Janeiro e de Arquiabade da Congregação, com inteira e filial submissão à decisão do Vigário de Cristo. Nesse mesmo ano regressou ao Brasil, mas, agora, para se dedicar só à evangelização dos índios do Rio Branco, onde chegou em novembro de 1915.

Após três anos de trabalho nas missões, foi acometido de febre maligna, que o obrigou a vir ao Rio de Janeiro, afim de se tratar. Quando restabelecido, foi desaconselhado de voltar àquela atividade. Teve, assim, de deixar também êsse campo

de ação e procurar clima menos ingrato, pois, com a saúde cada vez mais abalada, já não podia suportar o calor dos trópicos.

Sua Excelência resolveu então deixar de vez o Brasil. Assim, em junho de 1919, com o último adeus à sua segunda pátria, país que muito amava, embarcou no pôrto do Rio de Janeiro, atravessando pela 26a. e última vez o Atlântico com destino à Europa.

*
* *

O Senhor Bispo Dom van Caloen exerceu uma atividade verdadeiramente espantosa nesses 25 anos de sua atuação no Brasil. Atravessou 26 vezes o Atlântico em viagens de ida e volta à Europa para tratar de negócios relativos à restauração da vida beneditina nos mosteiros da Congregação Brasileira e de seu desenvolvimento.

Árduo foi o empreendimento, sobretudo nos primeiros anos da Restauração. A febre amarela, logo no começo, ataca por duas vezes, no curto espaço de três anos, a comunidade do mosteiro de Olinda, berço da Restauração, ceifando vidas preciosas. A carência de monges para repovoar os mosteiros acarreta o perigo de o Govêrno apossar-se dêles com a morte do último religioso, como insinuavam jurisconsultos de nomeada, eivados dos princípios regalistas do último regime do país. Questões com particulares e com o próprio Govêrno, relativas a propriedades dos mosteiros, de que se haviam indèbitamente apossado ou sôbre as quais pretendiam ter direito. Reconstrução do patrimônio dos mosteiros que se tornara urgente. Incompreensão e por vezes críticas severas nos mosteiros da Europa, acêrca do seu modo de agir no Brasil e empreendimentos alhures. Dificuldades que lhe causavam, em lugar de o ajudarem, alguns monges vindos da Europa. Dificuldades promovidas por certos religiosos antigos, que se opunham à Restauração e mòrmente à entrega dos mosteiros a monges estrangeiros: — Tudo isto e muitas outras dificuldades e embaraços eram mais que suficientes para fazer esmorecer e desistir da emprêsa outrem que não fôsse, como Monsenhor van Caloen, um monge de vontade férrea e de entranhado amor à Igreja e à Ordem em que professara.

Virtus Impávida era o lema das suas armas prelatícias; divisa que correspondia bem ao seu temperamento enérgico e destemido em face das dificuldades, como o demonstrou a sua atuação no Brasil.

Dom Gerardo van Caloen muito trabalhou, muito sofreu nesses 25 anos de lutas; mas realizou a obra de que foi incumbido por Leão XIII. A Congregação estava restaurada! As abadias, antes com um ou dois monges! já idosos em seus cláustros, tinham agora comunidades florescentes e fervorosas, com noviciado próprio e exercendo belo apostolado em seus colégios e na cura das almas. Além disto fundou novas abadias e estabeleceu Missões no extremo norte do Brasil e no Congo Bélga, na África, para catequese de povos pagãos, contribuindo assim para a civilização dessa pobre gente e a extensão do reino de Cristo.

Não é só a Congregação Beneditina Brasileira que é devedora à memória dêsse grande monge pela sua atuação benfazeja no Brasil, mas também em geral a Igreja em nosso país, segundo o testemunho do Senhor Cardeal Dom Sebastião Leme. Estando Sua Eminência na Europa em 1930, foi a Cap d'Antibes visitar Monsenhor van Caloen. Nessa ocasião disse ter declarado em Roma ao Santo Padre Pio XI

e ao Revmo. Abade Primaz "que não queria voltar a sua pátria sem testemunhar o seu reconhecimento a um dos maiores benfeitores do Brasil católico".

*
* *

Deixando o Brasil, o Senhor Bispo de Focéia foi residir no mosteiro de Santo André, por êle fundado, onde queria passar os seus últimos anos. No entanto, ao chegar o inverno, não pôde suportar o frio úmido da Bélgica e foi estabelecer-se em Cap d'Antibes, no sul da França, onde melhorou de saúde e pôde dedicar-se à obra que lhe era muito cara e em que já havia trabalhado em Roma antes de ser mandado para o Brasil, a saber: a união da Igreja Oriental à Igreja Romana. Nesse novo campo de ação exerceu também com fruto o seu apostolado: construiu uma igreja, abriu escolas e fundou a revista Union, órgão de propaganda, sobretudo entre os russos refugiados.

Finalmente, cheio de merecimentos, confortado com os últimos sacramentos e assistido pelos monges que com êle conviviam, êsse varão forte, monge e bispo entregou santamente a alma a Deus a 16 de janeiro de 1932, aos 79 anos de idade. Os restos mortais, transportados para a Abadia de Santo André, foram, depois de solenes exéquias, inumados na cripta da igreja abacial.

II

DOM MAJOLO DE CAIGNY

(1862—1939)

Filho de família profundamente cristã, nasceu Dom Majolo em Isghen, na Bélgica, a 28 de março de 1862. (6) Eram os seus antepassados de procedência francesa, desde muito estabelecidos na Bélgica. Fêz os estudos de humanidades no Seminário menor de Roulers. Sentindo-se, porém, chamado para a vida religiosa, resolveu ingressar na Congregação do SS. Redentor. Terminado o curso teológico, foi ordenado sacerdote a 12 de outubro de 1887. Dotado de dons oratórios e cheio de zêlo apostólico, era Dom Majolo ouvido com atenção em suas pregações evangélicas, as quais ilustrava com exemplos da vida dos santos, no que era versado.

Os superiores não só o tinham em grande estima, como depositavam no jovem sacerdote grande confiança. É assim que o incumbiram de uma missão delicada e de responsabilidade junto aos seus confrades do Canadá e o nomearam mestre de noviços. No entanto achou Dom Majolo que essa vida ativa, enforme o espírito da Congregação, em que professara, não se coadunava com o seu temperamento dado ao recolhimento e à vida de silêncio e de oração. Pediu e obteve licença de passar para a Ordem Beneditina e entrou no mosteiro de Maredsous em 1897.

(6) Chamava-se Pedro antes de entrar para a Ordem Beneditina.

Como Dom Gerardo van Caloen procurasse vocações na Europa para repovoar os mosteiros do Brasil, Dom Majolo manifestou o desejo de servir à Congregação Brasileira. Assim com licença e bênção do abade de Maredsous, Dom Hildebrando de Hemptine, embarcou em companhia de Dom Amaro Desrumeaux, monge sacerdote do mesmo mosteiro, com destino a Olinda. Antes, porém, foi despedir-se da mãe e dos parentes e a 14 de novembro de 1897 deixou a Bélgica, viajando a bordo de um vapor do Lloyd-Bremen

A primeira parada que fez o navio foi no pôrto, onde Dom Majolo ouviu pela primeira vez falar português. O vapor não tocou no Recife, indo diretamente à Bahia, ali aportando a 4 de dezembro. Lá foram os dois, Dom Amaro Desrumeaux e Dom Majolo, recebidos com afeto de pai pelo Abade Geral, Dom Domingos da Transfiguração Machado, e por Dom Gerardo van Caloen, que havia chegado de Olinda dois dias antes. Após uma demora de 48 horas, seguiram para Olinda, onde chegaram a 8 do dito mês.

A 29 de maio do ano seguinte (1898), Dom Majolo emitiu os votos simples perpétuos e foi nesse mesmo ano nomeado Mestre de noviços.

A comunidade do mosteiro, em 1897, havia sofrido os efeitos da febre amarela, que irrompera em Recife e Olinda. Quase todos os religiosos tinham sido acometidos da terrível febre. Apenas dois anos depois (1899) irrompe ela de novo e com maior virulência, fazendo três vítimas entre as quais o padre Prior da Abadia. Dom Majolo esteve muito mal. Tratou-se no hospital de Santa Águeda, em Recife, dirigido pelas religiosas Filhas de Santana, onde chegou a receber os últimos sacramentos.

A sete de outubro do mesmo ano (1899), Dom Gerardo van Caloen, abade Olinda, mandou Dom Majolo com os clérigos e noviços para Guaramiranga, na serra de Baturité, Ceará, a fim de refazerem a saúde e poderem os clérigos continuar os estudos em região de clima ameno e saudável. Ao desembarcarem em Fortaleza, no dia nove, foram saudados cordialmente pelo então Mons Antônio Xisto Albano, mais tarde Bispo do Maranhão, que os esperava na praia. (7)

Conduzidos por Monsenhor Xisto Albano ao Seminário diocesano, lá foram muito bem acolhidos pelos padres Lazaristas. Dom Majolo visitou o Snr. Bispo Dom Joaquim José Vieira, fez algumas compras na cidade e no dia onze, à frente da jovem Comunidade, tomou o trem às 5 horas da manhã para Baturité. À tarde do mesmo dia subiram a serra a cavalo e chegaram a Guaramiranga ao pôr do sol. Ficaram maravilhados não só com a amenidade do clima serrano e a exuberância da vegetação como pelo aspecto encantador dos cafezais que cobriam os vales e as encostas dos montes. Reproduzimos aquí um trecho do cronista, provàvelmente o próprio Dom Majolo, que descreve a chegada dos monges a Guaramiranga:

"Taut le monde trouve le climat (de Guaramiranga) trés tempéré; la température oscille entre 17 et 26 centigrades. (8) Beacoup de fruits propres à la zone tempérée viennent très bien ici. Mais la grande culture du pays est le caféier. Tout à lentour on ne voit que plantations de café: caféier dans la plaine, caféier

(7) Nesse tempo não havia ainda cais no porto de Fortaleza.

(8) Devemos notar que foi no mês de novembro quando lá chegaram, portanto no verão, o tempo mais quente do ano.

sur le penchant des collines. Les premiers, encore en floraison, sont couverts de fleurs blanches imitant les jasmins; les seconds s'efforcent de cacher sous la verdure sombre et luisante de feuillage la rougeur naissante des cerises La recolte sera exceptionnellement bonne cette année-ci, et comme elle a été archimauvaise l'année passée, le peuple en atribu e laréussite à notre arrivée, et sons plus vif désir est de nous voir définitivement établis à cete entroit" (9)

No entanto a permanência em Guaramiranga de Dom Majolo, e da comunidade da qual era superior devia ser apenas de alguns meses. Dom Gerardo van Caloen resolvera estabelecer o mosteiro definitivo na serra do Estêvão, no município de Quixadá.

Antes de conduzir os monges para a nova residência, Dom Majolo foi à serra para examinar in loco a situação do lugar e o melhor meio de instalar a comunidade. Não foi pequena a sua decepção ao verificar que, para acolher os religiosos, havia só uma miserável choupana que mal podia abrigar umas cinco pessoas! Contudo gostou imenso da região pela amenidade do clima fresco e sêco e pelo soberbo panorama que de lá se descortina.

Ainda uma vez julgamos não ser fora de propósito transcrever alguns trechos da descrição que fêz Dom Majolo da situação encantadora do futuro mosteiro de Santa Cruz:

"Le paysage est grandiose. L'abbaye de la Ste Croiz sera, s'il plait à Dieu, bâtie sur le sommet le plus élévé de la Serra. Aux pieds de la Serra s'étend le fameux Açude de Quixadá, qui a déjà couté plus de deux millions à l'Etat et scintille comme un miroir magique autour, entre et sous les masses imposantes des roches nues, noires et blanches de la Serra.

De l'autre côté du lac, à quelques 4 milles, on voit la ville de Quixadá. Elle est entourée et comme escortée d'une vingtaine de rochers énormes, de cubes, de quiles gigantesques, semées çà et la dans la plaine à l'instar de pyramides. Quelques-uns de ces rochers sont quatre fois aussi grands que le monastère de Maredsous tout entier.

Au delà on aperçoit le "sertão", aussi loin que la vue peut porter, entrecoupé de pics et de chaines de montagnes. On aperçoit la "Serra Azul", la "Serra Branca", la "Serra de Baturité" et même cette merveille de la nature la "Pedra Aguda" (Pierre aigue) On voit très clairement ce pic, quoiqu'il se trouve à 90 kilom. de S. Estêvão. Tout seul au bout de l'horizon sans bornes du "Sertão", il se tient raide et proit comme une sentinelle avancée aux confins du Ceará, près des frontières du Rio Grande do Norte.

Vraiment je crois n'avoir jamais rien vu de si beau que le pays et la chaine de montagnes de S. Estêvão!...

Le climat est salubre et sec. Cet endroit est propice pour une maison d'études et l'idéal pour une abbaye bénédictine, au milieu de la solitude, sur la montagne: Benedictus montes amabat (10).

---

(9) Cfr. "Bulletin des oeuvres bénédictines du Brésil — Saint André — lez — Bruges, décembre 1899.

(10) Cfr. Bulletin, ob. c. nº 7 (septembre 1900, pp. 79-84).

* * *

Em fins de junho de 1900 foi a comunidade transferida para a serra do Estêvão. Dom Majolo conhecedor do espírito sobrenatural e de sacrifício dos monges, iniciou as obras de construção de um mosteiro provisório, de paredes de taipa e de piso de terra batida, sendo os próprios monges os construtores, ajudados por operários Após algumas semanas estavam concluidas as obras que compreendiam capela, portaria e locutório, celas suficientes para os monges, refeitório, cozinha, etc.: mosteirinho muito simples mas regular e com respectiva clausura. Os clérigos puderam então prosseguir os estudos.

Dom Majolo teve de multiplicar a sua atividade: prior do mosteiro, diretor dos estudos e professor, devia ainda cuidar de preparar o terreno para construção do mosteiro definitivo e iniciar-lhe as obras. Entretanto sobreveio a sêca daquele ano para agravar a situação. Monge de temperamento colérico e de fé viva, Dom Majolo enfrentou tôdas as dificuldades com ânimo varonil, tomando as providências que o caso exigia.

A fim de suavizar a situação aflitiva dos pobres, admitiu maior número de operários nas obras da construção do mosteiro e de um açude que serviria não só para fornecer água ao mosteiro como para cultura de hortaliças e árvores frutíferas. Entretanto espalhando-se a notícia de que havia trabalho na serra do Estêvão, começou a chegar gente de fora e aumentar de dia a dia o número dos que pediam ser admitidos nas obras. Escasseando os meios pecuniários para tão grandes despesas, Dom Majolo recorreu ao Abade de Olinda, Dom Gerardo van Caloen, e ao Abade Geral, Dom Domingos da Transfiguração Machado, que atenderam logo ao seu pedido, enviando-lhe sem tardança os fundos necessários. Assim os pobres puderam ganhar honestamente, pelo seu trabalho, o pão cotidiano e as obras tomaram rápido incremento. O ano seguinte (1901) foi de muita chuva, dando a Dom Majolo ensejo de mandar plantar, além de cereais e árvores frutíferas (laranjeiras, bananeiras, etc.), um maniçobal que dentro de poucos anos poderia produzir abundante latex, muito procurado então e a bom preço, empregado na indústria de artefatos de borracha. Comprou também algumas vacas leiteiras e assim procurou assegurar a manutenção da Comunidade.

Entretanto em junho dêsse mesmo ano (1901) recebeu ordem para entregar o govêrno do mosteiro a Dom Maurício Prichzi e seguir para Olinda. Antes de embarcar para o sul foi Dom Majolo passar alguns dias em Quixadá, onde ajudou o Vigário, Cônego Lúcio, na cura das almas e a 23, véspera da festa de São João Batista, tomou o trem para Fortaleza e deixou definitivamente o Ceará. De Olinda foi à Bélgica tratar da impressão de um pequeno volume sôbre teologia moral intitulado: De Gemino Probabilismo Licito, em que responde às críticas e esclarece os pontos controvertidos de outro trabalho: De Aequiprobabilismo, que havia publicado antes de vir para o Brasil.

Regressando da Europa, foi mandado para o Rio de Janeiro, para fazer companhia ao velho abade Dom João das Mercês Ramos, único monge então na abadia fluminense. Dom Majolo exerceu o cargo de Prior do mosteiro do Rio desde então até meados de 1904.

Foi Dom Majolo de Caigny um dos padres capitulares, quando em 1903 se

realizou no Rio de Janeiro o Capítulo Geral sob a presidência do Revmo. Abade Geral Dom Domingos, a fim de ser reintroduzida a observância monástica nessa abadia com a vinda de monges de outros mosteiros e a abertura do noviciado. Como o abade Dom Mercês Ramos se opusesse tenazmente à restauração da vida regular na abadia, amigos do abade e pessoas interessadas na continuação dêste no govêrno do mosteiro, excitaram o povo por meio de artigos violentos e caluniosos nos jornais e em comícios na cidade. Ao cair da noite de 11 de maio (1903), estando os padres capitulares reunidos na abadia e o mosteiro guardado por uma centena de policiais, o povo em multidão, após um comício no largo de São Francisco, dirige-se para o mosteiro e o invade aos gritos de morram os frades estrangeiros, sendo a fôrça policial impotente para os deter. Dom Majolo para escapar da fúria popular refugiou-se em esconderijo no próprio mosteiro, enquanto os outros padres europeus, com perigo de vida, puderam, protegidos pela escuridão, pois já era noite, alcançar sãos e salvos o palácio do Sr. Arcebispo, Dom Joaquim Acoverde, no morro da Conceição.

Evacuado o mosteiro e adjacências nessa mesma noite, por fôrças do exército, e realizado o Capítulo Geral, foi reintroduzida a observância monástica na Abadia e Dom Majolo confirmado no cargo de prior do mosteiro e nomeado mestre de noviços. Em julho do ano seguinte (1904), foi mandado para a Bahia a fim de ocupar o cargo de prior do arquicenóbio de São Sebastião daquela cidade, e, a 8 de junho de 1907, a Santa Sé o distinguia com a nomeação de abade titular e coadjutor do Revmo. Abade Geral, Dom Domingos da Transfiguração Machado, com direito de sucessão no cargo de abade do mosteiro. Recebeu a bênção abacial a 24 de novembro daquele ano.

Ao falecer o Revmo. Abade Geral Dom Domingos, a 1º de julho de 1908, Dom Majolo assumiu com plenos poderes o govêrno da abadia, que já vinha dirigindo como abade coadjutor. Graças ao seu temperamento enérgico e pronunciadamente colérico, realizou durante o seu govêrno o que talvez outros não fizessem. Consertou todo o telhado do mosteiro e da igreja, limpou e ladrilhou o andar térreo do mosteiro, o qual estava abandonado havia mais de um século e se tornara um amontoado de imundícies, abriu-lhe grandes janelas e adaptou-o ao funcionamento de um colégio que foi inaugurado logo depois e existe até hoje. Construiu uma ampla e bela sacristia, de conformidade com a planta antiga da igreja abacial e a enriqueceu com ricos paramentos para esplendor do culto divino, acrescentado grandes armários para as alfaias da igreja. Fêz várias outras importantes obras tanto no mosteiro como na igreja. Tratou de melhorar o patrimônio da Abadia, deu-lhe nova orientação e simplificou-lhe a administração. Fundou uma Missão em Angelim, às margens do Rio Pardo, para catequese dos índios da região e deu grande impulso ao movimento religioso na igreja abacial com a ereção de várias associações religiosas. Fundou a revista Paladino do Lar, órgão dos Oblatos seculares e das Associações. Os atos do culto tornaram-se assim muito concorridos em São Bento bem como se intensificou a frequência aos Sacramentos.

A vida tranquila de trabalho e oração dos monges foi surpreendida, em 1912, pela ameaça de desapropriação e demolição do mosteiro dentro de seis meses! O Govêrno do Estado publicou a 12 de agôsto um decreto de melhoramentos na Cidade, cuja cláusula XXVIII dizia: "O Contratante se obriga a desapropriar e de-

molir no prazo de seis meses, nas condições dêste contrato, o mosteiro de São Bento..."

Êste decreto draconiano provocou grande indignação na população sensata da cidade. O abade de São Bento, Dom Majolo de Gaigny, protestou enèrgicamente contra tal decisão, não só particularmente junto ao Govêrno como em público, pela imprensa. Devido à indignação popular e sobretudo à atitude enérgica de Dom Majolo, o Govêrno recuou. Em audiência particular, o Governador do Estado disse a Dom Majolo que o mosteiro não seria demolido e que o malfadado decreto fôra consequência de um qui pro quo. No entanto não estava terminada a questão.

O mosteiro não seria demolido, mas o Govêrno não só julgava necessário mutilar a igreja abacial como nisto insistia a fim de alargar e transformar em avenida a rua que lhe está ao lado. Mutilação esta que vinha danificar e deformar o majestoso templo.

Contra medida tão absurda insurgiu-se Dom Majolo e promoveu uma forte campanha pela imprensa com artigos condimentados com fina ironia em jornais e revistas em que, com o ardor do seu temperamento combativo, demonstrou a inanidade e falta de bom senso de tal projeto. Assim pôde ele salvar incólume o majestoso templo que, altaneiro, se eleva com sua bela cúpula no centro da metrópole baiana e a cidade o conserva e o tem por um dos seus melhores monumentos artsticos.

Tendo o Ministro da Justiça, Rivadávia Correia, decretado em 1912 o sequestro do Convento de S. Antônio, dos padres franciscanos do Rio de Janeiro, Dom Majolo, receoso de que êsse decreto se tornasse extensivo aos outros institutos monásticos, tratou de asegurar o futuro da sua comunidade. Foi à Ilha da Trindade, nas Antilhas, e após entendimento com as autoridades competentes, resolveu estabelecer um mosteiro naquela Ilha, o que deu origem à atual abadia do Mount St Benedict em Tunapuna.

Anos depois, 1915, por motivos de ordem particular, renunciou o cargo de abade da Bahia e retirou-se para o mosteiro da Trindade do qual foi nomeado pela Santa Sé Prior conventual. Procurou aumentar a comunidade do Priorado com vocações trazidas da Bélgica e Holanda impulsionou o movimento religioso em Tunapuna. estabeleceu Missão na Ilha de São Vicente e promoveu várias outras obras de apostolado. Finalmente, após oito anos de labor nesse campo de ação, tendo surgido certas dificuldades entre êle e as autoridades eclesiásticas de Port of Spain, em cuja arquidiocese se acha o mosteiro, Dom Majolo julgou melhor resignar, o que fêz em julho de 1923.

Deixando a Congregação Beneditina do Brasil, foi residir na Abadia de São Leão da Congregação Americano-Cassinense na Flórida, onde passou o resto da vida e veio a falecer.

Dom Majolo de Caigny publicou os dois supracitados opúsculos: De Aequiprobabilismo e De Gemino Probabilismo Licito (ambos em latim), escreveu ainda vários artigos em jornais e revistas, sobretudo durante a campanha contra a mutilação da igreja abacial de São Bento da Bahia. Escreveu também Mes Souvenirs (Memórias inéditas) que são um subsídio precioso para a História da Congregação Beneditina do Brasil, mòrmente na fase da sua restauração. A par de polemista arguto, era Dom Majolo orador fluente e monge de vida interior e de erudição invulgar.

Faleceu santamente a 24 de abril de 1939.

III

DOM MAURÍCIO PRICHZI
(1870—1907)

Nasceu Dom Maurício a 16 de abril de 1870 em Rosemberg na Boêmia e foi batizado com o nome de Adalberto. Órfão de mãe, aos quatro anos, e de pai, aos sete, foi educado por uma tia, que dêle se encarregou logo que faleceu a mãe. Aprendeu o ofício de encadernador, em casa de um tio, que era livreiro e tinha oficina de encadernação. Êsse ofício despertou-lhe o interêsse pelo estudo. Servia-se das noites para ler e estudar as obras que devia encadernar. Aos 19 anos sentiu o chamado do Senhor para a vida religiosa, sendo neste sentido encorajado por uma irmã já consagrada a Deus. Resolveu, pois, entrar na Ordem Beneditina, em fins de 1891 ou começo de 1892 e pediu ao Abade do mosteiro de Emaús, pertencente então à Congregação de Beuron, ser admitido na sua comunidade.

Não lhe foi fácil a realização dêsse desiderato. Na Abadia só eram aceitos os moços que tivessem os estudos de humanidades. No entanto fizeram uma exceção. Aceitaram-no com a condição de completar, como postulante, os estudos. Entrementes sobreveio-lhe grave enfermidade que o pôs em sério perigo de perder a vocação. Os médicos proibiram-no de continuar com os estudos. Falou-se mesmo em despedi-lo.

O jovem postulante recorreu com ardente súplica à intercessão de São José, a fim de obter mais 15 anos de vida para concluir os estudos, ordenar-se e trabalhar em prol das almas. (11)

Contra a expectativa geral, o enfermo melhorou, recobrou as fôrças e entregou-se de novo, com afinco, aos estudos. Dotado de inteligência esclarecida, boa memória e vontade enérgica, com que sabia enfrentar os obstáculos, foi, em abril de 1895, após três anos de postulado, admitido ao noviciado recebendo então o nome de Maurício. A 26 de abril do ano seguinte professou e iniciou os estudos eclesiásticos.

Em 1898 foi mandado para o Brasil a fim de ajudar os seus confrades beuronenses na obra de restauração da vida beneditina nos cenóbios da Congregação Brasileira. Recebido no mosteiro de Olinda, aí continuou os estudos eclesiásticos. No ano seguinte, durante o surto epidêmico da febre amarela, Dom Maurício serviu de enfermeiro da Abadia com grande dedicação e caridade.

Nesse mesmo ano (1899) acompanhou Dom Gerardo van Caloen na viagem que fêz ao Ceará a fim de procurar local apropriado para fundação de um mosteiro. Tendo êsse prelado desistido de prosseguir a viagem pelo interior do Estado até o Crato, em consequência de uma queda do cavalo em que montava, Dom Maurício continuou-a sozinho até o Cariri, região que achou encantadora. Entretanto Dom van Caloen já havia determinado estabelecer o mosteiro na Serra do Estêvão. Regressando a Olinda, com a saúde alterada, foi mandado à Europa para refazer as fôrças na Abadia de Emaus, onde foi ordenado sacerdote a 15 de julho de 1900.

(11) Veio a falecer justamente 15 anos depois, em 1907, no Ceará.

Fêz um estágio na Escola de Arte de Beuron e no ano seguinte voltou para o Brasil.

Em maio de 1901 foi nomeado Prior do Mosteiro de Santa Cruz. Deu novo impulso às obras de construção do mosteiro definitivo, começadas pelo seu antecessor, Dom Majolo de Caigny, e lançou os fundamentos do Ginásio de São José, que foi inaugurado em 1903.

Como Prior, Dom Maurício demonstrou extraordinária capacidade de trabalho e grande tacto nas relações com pessoas de fora, adquirindo assim a estima e admiração da família cearense que via em Dom Murício um espírito culto, dedicado e bondoso. E se era estimado e querido fora da clausura, ainda mais o foi entre os seus irmãos de hábito, que tinham nele um verdadeiro condutor de almas, um pai zeloso pelo bem da comunidade e um modêlo da bôa observância da disciplina monástica, dando o exemplo tanto neste particular como em todos os outros deveres de monge e de Superior.

Era Dom Maurício a alma de tôdas as atividades do mosteiro. Prior e Reitor do Colégio, era ao mesmo tempo diretor dos estudos eclesiásticos dos clérigos, aos quais também lecionava, professor de alemão, aritmética e desenho no Ginásio, diretor espiritual de almas, e supervisor das obras de construção do mosteiro definitivo. Durante as férias ajudava os vigários das vizinhanças na cura das almas, e, em Fortaleza, dirigia um grupo de oblatos seculares. Pode-se dizer que Dom Maurício não sabia o que era fadiga. Atendia a todos e a tudo sempre com a mesma dedicação, com a mesma bondade.

O Mosteiro de Santa Cruz, graças à atuação e influência de Dom Maurício e o Ginásio de São José, por êle dirigido, tornou-se conhecido e apreciado não só no Ceará mas também nos Estados limítrofes, conforme o testemunho do Dr. José Bonifácio de Sousa, ex-aluno do dito Ginásio: "Equiparado ao Ginásio Nacional, o estabelecimento em apreço (o Ginásio de São José) chegou a registrar uma matrícula de centenas de alunos, provindos dos diferentes Estados do Setentrião brasileiro" (12).

A atuação de Dom Maurício atraiu a atenção de personagens de destaque. É assim que o mosteirinho provisório de paredes de taipa e piso de terra batida tem a grande honra de receber a visita e de hospedar o Governador do Estado dr. Pedro Augusto Borges, com numeroso séquito de pessoas das mais conspícuas de Fortaleza, as quais várias senhoras, o Senhor Núncio Apostólico, Mons. Júlio Tonti, Arcebispo Primaz Dom Jerônimo Tomé da Silva, etc., que se abalançaram a chegar até a Serra do Estêvão, fazendo a cavalo o trajeto de Quixadá ao Mosteiro, cerca de quatro léguas, por caminhos péssimos naquêle tempo, a fim de conhecerem de vista a obra de Dom Maurício Prichzi e testemunharem-lhe a sua estima.

No fim do ano letivo de 1906, Dom Maurício pela primeira vez reconheceu-se cansado. "Estou cansado", disse êle, "vou passar alguns dias na serra de Baturité". Terminados os exames, acompanhou um grupo de alunos até Fortaleza, como o fazia nos outros anos, seguindo, depois, acompanhado de outro monge, para a serra de Baturité, onde ficou durante três semanas. Ao voltar a 17 de dezembro, encontrou concluidas as obras do mosteiro definitivo, o que foi para êle motivo de grande regosijo, pois tinham os monges agora um verdadeiro mosteiro, com celas amplas

(12) Crf. Revista do Instituto do Ceará, t. LXI — ano LXI, p. 14.

e confortáveis e as demais dependências de um verdadeiro cenóbio beneditino. ..

Na vigília de Natal benzeu o mosteiro, designou os lugares regulares de clausura e distribuiu, como presente de Natal aos monges, as celas, e assim foi inaugurado o mosteiro definitivo.

Nos primeiros dias de janeiro de 1907, Dom Maurício foi a Quixadá. Haviam chegado à cidade um pouco antes pessoas de fora, contaminadas por febre amarela.

Ao regressar dias depois ao mosteiro, Dom Maurício sentiu-se mal e acamou: havia contraido o terrível mal.

Foi grandemente edificante o espírito de fé e de inteira conformidade com a vontade de Deus com que enfrentou os sofrimentos e aceitou a morte. Certo de que ia morrer, pediu os últimos sacramentos, renovou por última vez os votos de religião e redigiu nesse mesmo dia, do próprio punho, um telegrama para o Rio de Janeiro ao seu abade, Dom Gerardo van Caloen, em que dizia: "Estou com febre amarela. Peço perdão faltas e bênção paternal. Comunidade boa. Adeus. Maurício". Mais tarde levantou-se e chegou até o claustro e disse: "Deixem-me ver êste mundo ainda uma vez!" Entregou-se depois nas mãos de Deus com amorosos colóquios, sendo as suas últimas palavras: "Ach Gott, mein Gott!"

Faleceu Dom Maurício às 8 horas do dia 13 de janeiro de 1907 (13) e foi sepultado no dia seguinte. Os restos mortais foram transferidos, depois de extinta a Abadia, para o mosteiro de São Sebastião, da cidade do Salvador, em cujo claustro repousam.

*
* *

A morte dêste monge foi grandemente sentida tanto pelos seus irmãos de hábito como pelos seus numerosos amigos e admiradores. Ainda hoje, após mais de 40 anos que Dom Maurício faleceu, é o seu nome venerado por todos quantos o conheceram. E a antiga Abadia de Santa Cruz da Serra do Estêvão, embora tenha deixado de pertencer à Ordem Beneditina e tomado outra denominação, continuará através dos tempos, a atestar a obra dêsse monge dinâmico, grande amigo e admirador que foi da terra de Iracema e do seu povo.

A 20 de outubro de 1948, o deputado estadual Waldemar Alcântara, interpretando os sentimentos de gratidão de quantos sabem apreciar a obra dos Monges Beneditinos no Ceará, personificada em Dom Maurício Prichzi, propôs na sessão do supracitado dia que se mudasse para **DOM MAURÍCIO** o nome da vila do Estêvão onde se acha o antigo mosteiro de Santa Cruz, atualmente Casa de Repouso de São José.

Eis a exposição de motivos apresentada pelo ilustre deputado:

"A presente indicação tem uma dupla finalidade: perpetuar, numa merecida homenagem, o nome de **DOM MAURÍCIO PRICHZI**, e resgatar uma dívida de gratidão contraída pelo Estado do Ceará e em particular pelo município de Quixadá, para com a memória daquele ilustre e virtuoso filho de São Bento.

"Originário de terras longínquas, bem-nascido no seio de uma civilização que

(13) Justamente 15 anos após ter conseguido a saúde, quando pediu a S. José para viver durante êsse período.

lhe deu o brilho da cultura humanista, versado em ciências, letras e artes — Dom Mauricio bem cedo abandonou tôdas as seduções da glória e dos êxitos humanos para vir ao Brasil como simples monge beneditino, sacrificar-se pela causa da continuidade e do fortalecimento de nossa formação cristã.

"Depois de curta permanência em Pernambuco, veio para o Ceará em 1901, com a missão de levar a cabo a fundação de um mosteiro na serra do Estêvão, onde os monges de sua Ordem pudessem exercer eficazmente as suas atividades apostólicas.

"Ainda hoje lá estão, naquela serra aprazível, transformados em centro de formação religiosa e em estabelecimento de repouso, as amplas e confortáveis edificações erigidas pela tenacidade e dinamismo daquêle monge extraordinário, as quais abrigaram por espaço de dezesseis anos uma brilhante comunidade beneditina.

"As atividades de Dom Maurício em nosso meio não se limitaram ao exercício do apostolado religioso. Foi êle o fundador e principal esteio do Ginásio S. José, famoso estabelecimento de ensino secundário, que, por vários anos, floresceu anexo ao mosteiro da Serra do Estêvão, tendo logrado equiparação ao Ginásio Nacional.

"O justo renome daquêle educandário, no qual pontificava a cultura de Dom Maurício, atraiu centenas de jovens que, graças ao sólido preparo alí recebido, vieram a ocupar mais tarde lugar de relevo nas diversas profissões a que se dedicaram.

"Por tal forma Dom Maurício se afeiçoou ao Ceará, que não lhe faltou tempo, no meio de seus múltiplos e incessantes labores, para escrever e publicar impressões e estudos sôbre o nosso Estado, o que valeu em vida a justa homenagem de ser incluido no quadro social do Instituto do Ceará.

"A gleba modesta em que exerceu o seu apostolado, em pleno sertão cearense e que, por fim, recebeu os seus restos mortais, merece a honra de perpetuar o nome do grande benfeitor".

NOTA: — Para complemento do trabalho de igual título, publicado na Revista do Instituto do Ceará, ano de 1951, divulgamos os dados biográficos do Abade fundador do Mosteiro de Santa Cruz, Dom Gerardo van Caloen, e dos dois primeiros Superiores no tempo de sua fundação, Dom Majolo de Caigny e Dom Maurício Prichzi.